SJ010: Ode sobre a melancolia e outros poemas

* **Título:** Ode sobre a melancolia e outros poemas
* **Autor:** John Keats
* **Linha fina:** O auge da atividade poética de Keats, que sempre perseguiu em sua obra a manifestação concreta do sublime, está reunido na edição bilíngue e anotada de *Ode sobre a melancolia e outros poemas*
* **Coleção:** Hedra Edições
* **Nacionalidade:** Inglesa
* **Título original:** Existem os títulos originais em inglês (Ode on Melancholy é o título do poema que dá nome à edição), mas este livro é uma organização de entrevistas e artigos inédita
* **Copyright:** Domínio público. Os direitos contratados se referem apenas à organização e tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos
* **Categoria:** Poesia
  + **BISAC:** [POE005030] Europeia; POE005020: Poesia/Europeia/Inglesa
  + **Thema:** [DCA] Poesia clássica e anteriores ao século XX; [DCRS] Poesia por forma: Soneto
* **Escola:** Romantismo
* **Assunto:** Romantismo; Poesia; século XIX
* **Edição:** Jorge Sallum
* **Organização, tradução e introdução:** Péricles Eugênio da Silva Ramos
* **Editor assistente:** Paulo Henrique Pompermaier
* **Assistência editorial:** Julia Murachovsky
* **Revisão:** André Fernandes, Jorge Sallum e Lila Zanetti
* **Capa:** Lucas Kröeff
* **Número de páginas:** 148
* **Dimensão:** 13,3 x 21 cm
* **ISBN:** 978-85-7715-754-9
* **Data de entrega de arquivos:** 8 de fevereiro de 2024
* **Sobre o livro:** Ode sobre a melancolia e outros poemas reúne as "Odes de 1819" — consideradas o auge da atividade poética de Keats — e 20 poemas que transitam desde os mais importantes sonetos do poeta até trechos de duas de suas grandes obras: "Hiperíon" (1820) e "Endimião" (1818).  Em edição bilíngue, esta seleção inédita de poemas de um dos maiores poetas românticos ingleses apresenta notas históricas e parafrásticas, além de observações sobre a tradução.
* **Sobre o autor:** John Keats (1795–1821) é um dos maiores poetas românticos ingleses, figurando ao lado de P. B. Shelley e Byron. Filho de uma família modesta, estudou no Clarke's School, escola de tendência liberal, dos 7 aos 14 anos, quando perdeu os pais. Aos 16 anos, tornou-se aprendiz de cirurgião por influência de seu tutor, Richard Abbey, e passou a demonstrar gosto pela poesia inglesa e pela mitologia greco-latina, chegando a realizar uma tradução da Eneida, de Virgílio.  Em 1816, começou a estudar medicina no Guy's Hospital (Londres), mas desistiu da carreira por falta de vocação e, sobretudo, para se dedicar à poesia. Neste mesmo ano publicou seu primeiro poema, o soneto "O solitude!", no famoso periódico *Examiner*, e a despeito do entusiasmo inicial, recebeu duras críticas.  Como os demais românticos, Keats perseguiu em sua obra a manifestação concreta do sublime (como a urna grega e o rouxinol, presentes em suas odes), o que exemplificou no célebre verso de Endimião, "A thing of beauty is a joy for ever" (Tudo que é belo é uma alegria para sempre).  Keats atingiu o auge de sua atividade poética com a publicação, em 1819, de seis odes: "Ode sobre uma urna grega", "Ode a um rouxinol", "Ode a Psiquê", "Ao outono", "Ode sobre a melancolia" e "Ode sobre a indolência". Morreu de tuberculose em Roma, precocemente, aos 25 anos.
* **Trechos do livro:**
  + **Capítulo da introdução**
    - Mathew Arnold reconheceria que Keats estava entre os poetas ingleses, ao lado de Shakespeare, e o poeta passou, com o tempo, a ser uma das figuras mais amadas das letras inglesas, em virtude da força de sua poesia, de sua vida breve, de seu amor irrealizado. Hoje pode-se afirmar tranquilamente que John Keats figura com nitidez não apenas na literatura inglesa, mas nas próprias letras universais, onde fulguram esses documentos singulares que são as suas grandes odes.
    - "Várias coisas se encaixam em minha mente, e de repente me ocorreu que qualidade contribuía para formar um homem realizado, especialmente em literatura, e que Shakespeare possuía tão desmesuradamente — quero dizer, a capacidade negativa, isto é, quando um homem é capaz de manter-se em incertezas, mistérios, dúvidas, sem nenhuma impaciente procura do fato e da razão. […] Num grande poeta o senso de beleza sobrepuja qualquer outra consideração, ou antes oblitera toda consideração." (Keats, carta de 22 de dezembro de 1817)
    - "Quanto à personalidade poética em si (quero dizer essa espécie à qual pertenço, se sou alguma coisa; essa espécie diversa do sublime wordsworthiano ou egotístico…), ela não é ela própria — ela não tem eu — é tudo e é nada — não tem personalidade — aprecia a luz e a sombra — vive no prazer, seja ela má ou boa, alta ou baixa, rica ou pobre, vil ou nobre — tem deleite igual ao conceber um Iago ou uma Imogênia. O que choca o filósofo virtuoso deleita o poeta camaleão. […] O poeta é o mais impoético de tudo o que existe, porque não tem identidade; continuamente adentra e enche outro corpo. O sol, a lua, o mar e os homens e mulheres, que são criaturas de impulso, são poéticos e têm um atributo imutável; o poeta não tem nenhum, nenhuma identidade. É certamente a mais impoética de todas as criaturas de Deus." (Keats, carta de 27 de outubro de 1818)
  + **Capítulo do texto**
    - **Trecho do poema "Ode a um rouxinol"**

Esvair-me bem longe, dissolver-me e em tudo me olvidar

Daquilo que entre as folhas tu jamais sentiste,

A fadiga, a febre e a inquietação,

Aqui, onde os homens sentam para ouvir gemidos uns dos outros,

Onde a paralisia faz tremer uns poucos, tristes, últimos cabelos cinza,

E a juventude empalidece e morre espectralmente macilenta

Onde apenas pensar é encher-se de tristeza

E de desesperanças de olhos plúmbeos;

Onde à beleza não é dado conservar olhos brilhantes,

Nem, além do amanhã,  a um novo amor languir por eles.

* **Trecho do poema "Ode a Psiquê"**

Escuta, ó deusa, os versos que, sem melodia,

Doce coerção e grata relembrança me tiraram;

Perdoa que eu module os teus segredos

Mesmo na branda concha desses teus ouvidos:

Hoje sonhei por certo; ou contemplei

Psiquê, a de asas, com olhos acordados?

* **Trecho do poema "Ode sobre a melancolia"**

Mas quando o acesso da melancolia

De súbito cair do céu, como se fosse a nuvem lacrimosa

Que alenta as flores todas de inclinada fronte

E em mortalha de abril oculta o verde outeiro:

Sacia então tua tristeza em rosa matinal,

Ou no arco-íris de salgada onda sobre a areia,

Ou na opulência das peônias globulares;

Ou se a amada mostrar cólera rica,

Toma-lhe a mão suave, e deixa-a delirar,

E bebe a fundo, a fundo, nos olhos sem iguais.

* **Trecho do poema "Endimião (I, 1–33)"**

Tudo o que é belo é uma alegria para sempre:

O seu encanto cresce; não cairá no nada;

Mas guardará continuamente, para nós,

Um sossegado abrigo, e um sono todo cheio

De doces sonhos, de saúde e calmo alento.

* **Trecho do poema Ode sobre a indolência**

Como foi que, ó Imagens, não vos conheci?

Como viestes ocultas com tão quieta máscara?

Era silente ardil, bem disfarçado para

Levar furtivo e pôr ociosos os meus dias?

Madura estava a hora sonolenta. A nuvem

Mais que feliz de uma indolência de verão

Entorpeceu-me o olhar; meu pulso fraquejava;

Não doía a dor, nem o prazer tinha inda flores:

Por que não vos fundistes, a deixar-me o espírito

Deserto do que quer que fosse — exceto o nada?

* **Contém imagens:** Não
* **Tiragem:** (Sem previsão; Aguardando Mayara)
* **Data de lançamento:** (Sem previsão; Aguardando Mayara)
* **Imprensa:** (Sem previsão; Aguardando Mayara)